



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

MANGUINHOS ON-LINE: midiativismo e a construção de uma epistemologia da sobrevivência em um território de disputa narrativa¹

Adriano Mello Rodrigues – Universidade do Estado do Rio de Janeiro²

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior³

RESUMO

Este trabalho analisa a criação do coletivo Manguinhos On-line como uma resposta à narrativa estigmatizante da mídia corporativa sobre as favelas. O objetivo é analisar essa prática de midiativismo de favela como a construção de uma epistemologia da sobrevivência. A metodologia é o relato de experiência com observação participante. O referencial teórico articula a comunicação comunitária, o midiativismo de favela e as Epistemologias do Sul. O estudo revela que o investimento na formação mútua e na escuta territorial foi mais crucial que os recursos técnicos, gerando contra-narrativas que promovem representação digna e cidadania comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Manguinhos on-line; Manguinhos; Midiativismo; Comunicação comunitária; Epistemologia da sobrevivência.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário social sobre as favelas brasileiras é um campo de batalha simbólico. Nele, a mídia corporativa historicamente opera como uma força hegemônica, forjando representações que reduzem a complexidade da vida periférica a uma perigosa tríade: violência, crime e pobreza. Este enquadramento não é neutro; ele funciona como um dispositivo de controle que justifica a ausência do Estado em suas funções sociais e sua presença excessiva em sua face repressiva. Mais do que isso, essa narrativa externa pratica um "epistemicídio" (Santos, 1994), ao negar a existência e a validade dos saberes, das tecnologias sociais e das potências culturais que florescem nesses territórios. Contrapor-se a esse processo é, portanto, uma condição de sobrevivência.

É nesse contexto de disputa que este relato de experiência se insere. O texto analisa o processo de concepção, articulação e lançamento do Manguinhos On-line, um coletivo de comunicação comunitária digital sediado no Complexo de Manguinhos, no Rio de Janeiro, do qual sou membro-fundador. Argumenta-se que a criação do coletivo transcende a simples produção de conteúdo

¹ Trabalho apresentado no GT3 – Redes Sociais e Ativismo Midiático da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
E-mail: rodrigues.adriano.rj@gmail.com.

³ Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

alternativo, configurando-se como uma prática de midiativismo de favela (Custódio, 2016) que busca ativamente construir uma epistemologia da sobrevivência. Trata-se de um esforço deliberado para validar um sistema de conhecimento local, pautado pela vivência de seus moradores, como ferramenta para a disputa de narrativas e para a afirmação da cidadania comunicacional.

2 METODOLOGIA

Este estudo adota como metodologia o relato de experiência, apoiado na observação participante. Na condição de membro-fundador, estive imerso em todas as fases do projeto: desde as primeiras conversas que germinaram a ideia em junho de 2024, passando pelo meticuloso processo de maturação e articulação comunitária de quase um ano, até sua efetivação pública em 14 de julho de 2025. A análise deriva de um corpo documental que inclui atas de reunião, manifestos internos e registros de planejamento, mas se nutre, sobretudo, da reflexão crítica sobre a práxis coletiva. O objetivo é transformar a experiência vivida em conhecimento sistematizado, conectando as decisões táticas e estratégicas do grupo a um diálogo com o campo da comunicação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A práxis do Manguinhos On-line é informada por um diálogo entre três eixos teóricos. O primeiro é a comunicação comunitária, conforme definida por Peruzzo (1998), como um processo endógeno e participativo, no qual a comunidade atua como sujeito de seu próprio discurso. Rejeitamos o modelo extrativista de pautas para abraçar um fazer comunicacional que emerge das demandas e potências do território, materializando o "direito à comunicação".

O segundo eixo é o midiativismo de favela. Nossa atuação, tal como definida por Custódio (2016), é uma forma de ativismo que se apropria taticamente das plataformas digitais, prioritariamente o Instagram, para intervir no debate público, gerando contra-públicos que contestam narrativas hegemônicas. Essa escolha estratégica visa não apenas alcançar os moradores onde eles estão, mas também desafiar o racismo algorítmico (Silva, 2022), que sistematicamente invisibiliza ou distorce as narrativas de corpos e territórios negros e periféricos.

O conceito de Epistemologias do Sul (Santos, 2019) serve como o marco teórico que unifica nossa ação. Ele nos permite enquadrar o Manguinhos On-line como um projeto de afirmação epistêmica. Ao pautar o cotidiano, a cultura, a política e as tecnologias sociais de Manguinhos, estamos produzindo e validando um conhecimento nascido "do lado de cá". É um saber que emerge da luta e da resistência, um conhecimento-sobrevivência que se contrapõe ao "império cognitivo" que historicamente nos narrou como objeto, e nunca como sujeito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O percurso do "Manguinhos On-line" revela que a comunicação comunitária eficaz é menos sobre a velocidade da informação e mais sobre a profundidade da relação, estruturando sua formação em três fases principais.

A primeira fase (junho-agosto 2024) não nasceu de um edital, mas da inquietação partilhada e da urgência de autorrepresentação. A primeira e mais determinante decisão estratégica foi a horizontalidade radical. A ausência de hierarquia não é um detalhe romântico, mas uma escolha política contra os modelos verticais de gestão, que espelham as mesmas lógicas de poder que buscamos combater. A construção inicial foi, portanto, uma "conspiração" no sentido original da palavra: um "respirar junto".

A segunda fase (agosto de 2024 a julho de 2025) foi uma aposta estratégica na lentidão, dedicando quase um ano à construção de suas bases em vez de à produção de conteúdo. Essa etapa se articulou em duas frentes interdependentes: a formação mútua, com a socialização de saberes práticos e, fundamentalmente, críticos sobre comunicação; e a escuta territorial. Esta consistiu em uma imersão paciente para aprofundar a conexão com a comunidade, ouvir seus "silêncios" e as pautas não ditas, forjando assim uma sólida legitimidade interna, fundamental antes de qualquer validação externa.

A terceira fase (a partir de 14 de julho de 2025) marcou a passagem da potência ao ato com o lançamento no Dia da Liberdade de Pensamento. Os primeiros conteúdos funcionam como micro-intervenções na narrativa hegemônica: em vez de uma manchete policial, as trajetórias de mães de Manguinhos; no lugar da imagem do valão, as atividades culturais do território. O impacto real transcende as métricas de engajamento, manifestando-se nos comentários de moradores que se sentem representados com dignidade e no compartilhamento de informações de utilidade prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato sobre a gênese do Manguinhos On-line demonstra que a comunicação comunitária, quando concebida como uma prática de midiativismo e fundamentada em uma epistemologia própria, torna-se uma poderosa ferramenta de transformação social. A experiência sublinha que o investimento no capital humano e relacional, através da formação mútua e da escuta ativa, é mais crucial para a sustentabilidade e a relevância de um projeto do que seus recursos técnicos.

A iniciativa nasce pequena em estrutura, mas gigante em sua ambição: disputar, a partir de um dos territórios mais estigmatizados do Rio de Janeiro, o próprio conceito de notícia, de cultura e de conhecimento. Os desafios são evidentes e vão da sustentabilidade material à luta diária por visibilidade nos ecossistemas digitais. Contudo, a trajetória até aqui nos ensina que, ao tecer a própria narrativa, uma comunidade não está apenas informando ou se defendendo. Ela está ativamente construindo seu futuro, afirmando sua existência e redefinindo os termos de sua própria liberdade.

Referências

- CUSTÓDIO, Leonardo. **Midiativismo de favela**: reflexões sobre o processo de pesquisa. Tampere: University of Tampere, 2016.
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: A afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**: O Social e o Político na Pós-Modernidade. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022.